

O TEMPO NO QUOTIDIANO

Elisabete Christofolletti *

Resumo

A consolidação do cotidiano, que é heterogêneo em sua formação pois constitui-se também a partir das diferenças entre pensamentos e ações e estabelece estruturas hierárquicas a partir das quais é possível organizar o fazer do dia a dia de acordo com as necessidades sentidas por cada indivíduo e sua comunidade de acordo sua cultura, passa então a delimitar posturas e possibilidades de sobrevivência e de organização do cotidiano que muda de acordo com a estrutura econômica social na qual se está envolvida.

Palavras- Chave: Cotidiano, Consolidação e Organização.

Abstract

The consolidation of the everyday, that is heterogeneous in your formation because it is also constituted starting from the differences between thoughts and actions and it establishes hierarchical structures starting from which it is possible to organize doing day by day of the in agreement with the needs felt by each individual and your community of your agreement culture, it starts then to delimit postures and survival possibilities and of organization of the everyday that changes in agreement with the social economical structure in the which she are involved.

Key-Words: Everyday, Consolidation and Organization.

Urbano e rural encontram-se para fazer-nos descrever, pensar, e demonstrar como o tempo faz parte da vida de cada povo, das pessoas que residem nas cidades, em diferentes regiões.

A forma de vida, a construção, estruturação e manutenção do cotidiano dos Povos da Floresta na Região Amazônica demonstra a passividade, aceitação e a tolerância daquilo que há muito é imposto, escolhido ou criado.

A consolidação do cotidiano, que é heterogêneo em sua formação pois constitui-se também a partir das diferenças entre pensamentos e ações e estabelece estruturas hierárquicas a partir das quais é possível organizar o fazer do dia a dia de acordo com as necessidades sentidas por cada indivíduo e sua comunidade de acordo sua cultura, passa então a delimitar posturas e possibilidades de sobrevivência e de organização do cotidiano que muda de acordo com a estrutura econômica social na qual se está envolvida.

A heterogeneidade a qual nos referimos é característica principal na vida de todo homem, a individualidade que concentra todas as suas forças e energias, todas as suas capacidades intelectuais, seus desejos, sentimentos, buscando em si condições e capacidade para efetuar concretamente todas as tarefas escolhidas dentro da estrutura do cotidiano.

A realidade cotidiana recria homens, intervindo de forma direta, constante e sutil a todo instante. Podemos ser envolvidos por ele ou então buscarmos formas de atuação em que ele é alterado segundo necessidades individuais e sociais.

Um dos aspectos que nos remete a reflexões e também constitui o cotidiano é o tempo. Parceria de vivências, construção e criação ele evidencia diferenças, formas de organizar e conceber sua existência.

Quando falamos em tempo, possivelmente a primeira imagem que temos é a da sucessão de imagens cronológicas, compromissos do dia a dia e o relógio, e que provavelmente não haja pessoa que não tenha ou deseje relógio, seja ele vermelho, amarelo, muito colorido, pequeno, grande, de pulso, cabeceira ou pescoço, de grife famosas, ou do camelô da praça, são por todos reconhecidos e muito lembrados. A vida passa a ser regida e mensurada por ele. Hora de precisar acordar, sentir sono, de sentir fome, de parar de comer, de procriar, de iniciar e terminar o trabalho, e de poder descansar. Estas são

características do parceiro relógio e de seu uso comum para o urbano, onde a pressa obriga o homem a correr atrás de multiplicar seu tempo.

Tempo, sinônimo de produção, transformação, mais valia e dinheiro.

Tempo ganho ou perdido, é igual a mercadoria ganha ou perdida, vidas ganhas ou perdidas.

O tempo basta, explica e justifica.

Não o mesmo tempo da construção nos diálogos entre filósofos, poetas, loucos...

Na Região Amazônica, o uso mais constante do relógio faz parte muito mais da vida dos migrantes que vieram do sul e sudeste do país, onde a vida é organizada pelo tempo produtivo contando os minutos que se ganha, que se perde, onde o atraso ganha tonalidade diferente quando numa reunião ou compromisso profissional ou social. Estas pessoas quando chegam a Região Amazônica trazem seus hábitos para serem divididos, impostos ao outro, sendo, portanto, não o relógio o elemento novo, mas a relação que com ele é estabelecida. Para as pessoas que nasceram ou estão há algum tempo nesta região, o relógio no inverno é a chuva, no verão o sol quente.

A natureza sem dúvida tem vivido ao longo do tempo um processo de exploração e agressão, mesmo assim quase não há surpresa com a mudança do horário da chuva, embora venha a cada inverno em períodos novos, houve tempo em que a chuva vinha logo pela manhã, neste último inverno porém, vem dividida em dois momentos: final da manhã e meio da tarde, conseguindo ainda manter a constância que possibilita ser parâmetro para os encontros.

Certa ocasião após várias tentativas de encontrar uma peixaria aberta, conseguimos a façanha, e antes mesmo de saber se havia peixe, na tentativa de compreender o que acontecia, perguntamos qual o horário de funcionamento do estabelecimento, afinal estávamos estupefatos pela peixaria estar aberta, a senhora responde que abria no horário normal. A sensação de confusão aumenta e para tentar elucidar tal conflito buscamos acertar nosso relógio com o dela, voltando a insistir perguntando qual seria o horário normal. Com toda a tranqüilidade peculiar da região, a senhora ainda sentada na cadeira de descanso, com a voz alongada e lenta, vagarosamente disse: das 9:00 as 11:30 e das 16:00 as 20:00 horas. O silêncio predominou.

Não há nenhuma dúvida de que para sobreviver ao verão amazônico este é o melhor horário para não brilhar e brigar com o sol que traz grande sensação de desconforto e cansaço.

Em outra ocasião paramos em uma casa de sucos e comentamos que era muito difícil encontrar o comércio aberto no horário do almoço. Nosso desabafo fez com que merecêssemos a resposta da senhora já com idade avançada, que estava ao lado e ouvia a conversa. Novamente com calma e voz arrastada tão habitual, disse que há alguns anos atrás nem os bancos abriam na hora do almoço e que neste horário somente era possível encontrar duas coisas na rua, cachorro e paulista.

Após a resposta da velhinha, a sensação de constrangimento foi muito grande. O silêncio ocupou o tempo em que naquele local permanecemos, pois não seria agradável ser identificado como nenhum dos dois freqüentadores da rua no horário de almoço quando são tidos como verdadeiros absurdos e agressão ao tempo da região.

A estruturação do tempo no cotidiano segue as normas e regras das necessidades que passam por processo de transformação convertendo-se em desejos e ações e novamente necessidades, o ciclo da vida.

Na floresta o tempo é ainda mais diferente e caminha com a natureza, é o tempo da natureza, comer, beber, rir, dormir ou chorar, são necessidades, desejos, ações, que são alteradas de acordo com a necessidade que cabe ao tempo juntamente com o homem dizer quais são.

No urbano temos a capacidade fantástica de manutenção do cotidiano, de a partir da criação de algumas regras da produção, cristalizá-lo, pois passamos a ter a sensação de controle e portanto segurança, sensação esta, muitas vezes necessária, mas que retira do homem a espontaneidade da criação em sua totalidade.

A pressa e a luta contra o tempo parece ser característica do homem “moderno”, urbano, sulista e em processo de envelhecimento, que percebe que não haverá tempo suficiente para tudo o que deseja. Que seu papel pode ser de observador do mundo, ou dono de sua história, seja ela qual for.

O tempo amazônico também é diferente. É o tempo vivido, ocupado com situações que trazem satisfações e em sua maioria imediatas.

Em viagem a uma Reserva Extrativista, começava a anoitecer, percebíamos que precisávamos parar para jantar e dormir, sendo que a única possibilidade que tínhamos era a maloca de um índio. Paramos, descemos, mas não havia ninguém, mesmo assim resolvemos ficar, descer as coisas da voadeira (pequenos barcos de alumínio com motor) e começar a preparar o jantar. Enquanto íamos ajeitando nossas coisas na maloca do índio, havia o cuidado para em nenhum momento mexermos nos pertences pessoais. Enquanto preparávamos o jantar, escureceu, quando então chegaram os moradores. Continuamos a preparar o jantar, jantamos e o casal de índios pacientemente e na maior parte do tempo em silêncio observava. Encerrado o jantar começamos a armar as redes, enquanto isso os índios prepararam seu jantar. Redes armadas, ouvia-se o som do pequeno rádio à pilha tocando músicas sertanejas. Todos deitados podíamos perceber que estávamos sendo observados mais uma vez. Por algum tempo o casal de índio ficou sentado num banquinho de frente para as redes olhando, somente isso, olhando para as redes que acolhiam nossos corpos cansados.

Embora percebêssemos que o casal estava a espera do fogão para preparar seu alimento não havia pressa, assim como depois, quando havíamos deitado. Não havia pressa por descansar. O cotidiano daquele casal provavelmente possibilite a eles outro ritmo, muito diferente do urbano e havia alguma satisfação em ouvir o rádio de pilha e observar as visitas daquela noite.

Na manhã seguinte logo que o sol ameaçava chegar levantamos, preparamo-nos e fomos embora, enquanto saíamos na voadeira pela primeira vez pudemos observar o rosto dos dois índios. Da janela da casa, sem nada dizer o casal nos observava, tudo parecia estar parado, olhando de fora tínhamos a sensação de um quadro onde nada se altera, não havia pressa somente quando o barco já estava na água um braço erguer-se e lentamente acena em despedida. Dois dias depois passando novamente em frente a casa dos mesmos índios, lá estavam os dois, a mulher lavado roupa na beira do rio, que parou para ver a voadeira passar, permanecendo parada até quando pudemos enxergar, na janela novamente estava nosso amigo. A imagem vista da voadeira era insuperável e jamais anulada pelo tempo, tempo que não muda, repete-se todos os dias.

O tempo que não é sinônimo de transformação e de sobrevivência. O tempo do diálogo onde senhores adultos sentam para conversar, talvez como os filósofos, poetas e loucos há muito faziam.

Chegamos a outra comunidade durante o dia enquanto as crianças estavam em aula, no horário em que foi feito o recreio para que as crianças lanchassem a professora entendeu que deveria suspender as aulas, pois nem crianças, nem a professora estavam dispostos a retornar a sala de aula e deixar de participar de tão animada conversa na casa do morador. Todos sentados em bancos, entre os desenhos de fumaças do cigarro de palha, conversávamos sobre a vida, as histórias que cada um dos homens tinham para contar sobre sua chegada naquele local, o trabalho, o contato com a mata, as pescarias e caçadas. Dessa forma não havia mais disposição para que a aula pudesse ter continuidade e sequer iniciar a aula noturna, pois o cotidiano foi alterado com a chegada das visitas que trouxeram consigo um membro da Associação a qual esta comunidade está vinculada e pessoas novas, o dia dali em diante seria diferente. Hoje é dia de festa, a rotina embora, muito flexível, foi alterada sem nenhum constrangimento e problema, alterou-se porque se fazia necessário e acima de tudo parecia prazeroso, poder rever amigos relembrar coisas do passado, falar sobre o presente e contar histórias, simplesmente conversar, ou como diria qualquer iniciado no tempo produtivo: jogar conversa fora, ou gastar tempo.

A capacidade de surpreender-se no cotidiano somente é permitida porque vive-se outra concepção de tempo, onde as pessoas são mais importantes que as coisas, que as obrigações a serem realizadas, a passagem de alguns amigos mesmo que não saibamos seus nomes, mesmo que não tenhamos com palavras dito muito, a chegada de visitas recriando a rotina que estava estabelecida.

A comunidade toda fica a espera do homem que saiu para pescar e com certeza trará peixe bom, fresco e para todos, sem angústia, sem pressa, todos aguardam. Tudo para a espera do peixe. O pescador chega ao anoitecer e cada uma das mulheres segue para a beira do rio buscar seu pedaço e depois para casa prepará-lo. Em torno do fogão sentamos todos, enquanto o peixe cozinha a conversa mais uma vez ganha espaço, o peixe fica pronto e todos saboreamos, começa a chover, todos continuam onde estão, a escuridão não

assusta, pois enxerga-se além dela. Sabemos que está na hora de dormir, não porque o relógio nos aponta a hora, mas porque a escuridão já é grande e precisa-se estar preparado para a manhã seguinte. No meio da noite, de repente ouve-se um tiro seguido de barulho de água.

Com o nascer do sol, já estão todos novamente discutindo e contando os histórias na beira do rio enquanto os visitantes arrumam suas coisas para continuar a viagem. Naquela noite o grande jacaré voltou e mais uma vez levou um tiro, mas foi embora. A comunidade novamente conversa e muito, as histórias fluem com ele o dia, mas com certeza não é isto que preocupa.

Pacientemente o tempo passa. Também preocupar-se por que? O que seria feito com ele?

Há quatro dias uma pessoa esperava a possibilidade de ir até a cidade buscar o pai que havia chegado. Provavelmente o pai estava na cidade há outros quatro ou cinco dias, pois para que a notícia chegue é preciso portador, que após dois dias de viagem possa ser portador dela. Recebido a notícia é preciso a espera de um barco que possa dar “carona” até a cidade o que significa mais dois dias de viagem e também de espera. Finalmente pai e filho encontram-se e recomeça-se outro período de espera, novamente espera-se que alguma embarcação suba o rio e após mais alguns dias poderão chegar até sua casa na floresta.

Para que pai e filho possam encontrar-se e retornar a casa é preciso em torno de dez a quinze dias de espera, espera que não parece dolorosa, é a espera possível.

Quando os homens saem para a caça, não tem tempo para esta atividade, identificam o caminho de sua presa e a seguem podendo demorar dois dias para pegá-la, não há programação, existe sim a saída para a caça e o restante é decorrente dela.

De forma não muito diferente acontece a pesca, muitas vezes o homem sai para pescar pela manhã e retorna somente no dia seguinte, se precisar navegar um pouco mais o faz, não há tempo determinado para a pesca, há o peixe que precisa ser trazido e isso é o que importa.

Quotidiano, vida e morte também dos Severinos e Severinas, a metamorfose da identidade constituindo-se em algo muito maior, a metamorfose da vida, das individualidades e cada uma delas em relação. Morte

do sufocamento, da prisão do pensar, do refletir, do caminhar, as amarras não mais evidentes, mas sutis e talvez pior, pois são criadas ou mantidas pelas individualidades quando o coletivo somente reforça o que já estava estabelecido.

A vida, surge com a possibilidade da reflexão permanente da própria existência. Somente criamos o que acreditamos e o que somos. Não há criação onde não há crença e vida.

Na floresta não é com o tempo do relógio que estabelecemos nossa relação com a natureza, ou mesmo conosco. O tempo urbano de nada serve para o homem da Região Amazônica.

Para os povos da floresta o tempo não existe, porque a natureza não muda pela ação do tempo, ela permanece com seu ritmo, a partir da relação que o homem estabelece com ela é que o tempo é estabelecido, temos alguns marcos no cotidiano, por exemplo para médios períodos temos as datas em que identificam as vacinas nos animais, os períodos de colheitas, o período de preparo da terra, o período de chuva, a partir de suas necessidades com o tempo da natureza, o homem estabelece seu cotidiano, relação também de assimilação.

No urbano o tempo é dominado, criado e estabelecido pelo homem. Algumas vezes o criador é engolido pela criatura.

O tempo urbano é medido em minutos e segundos. O computador mais recente reduz de um minuto para quinze segundos uma operação, isso fascina o homem urbano, ele percebe a possibilidade de reduzir o tempo gasto em determinado trabalho. O ganho deste tempo passa a ser tão importante para sua vida que de agora em diante é fundamental, e necessita para satisfazer esta nesta necessidade de novo equipamento. Se daqui a seis meses outro equipamento reduzir os segundos ele é que será fundamental.

A corrida pelo tempo também cria o hábito do consumo, sempre precisamos de mais. Mais tempo, mais equipamentos, mais mercadorias.

O tempo urbano é estabelecido e alterado pela necessidade de consumo que desenvolvemos.

Na floresta a mudança da vida dos homens ocorrem a partir das mudanças dos rios (cheia e seca), das castanheiras, da seringueira que em alguns meses produz mais outros menos. Este cotidiano nos impõe nova

relação com o tempo, com o imaginário e com o próprio homem, seja no encontro de seus limites, frustrações e realizações.

Na floresta, assim como no urbano o homem vive um tempo. Na floresta o tempo é de domínio do homem, mas na inter-relação com a natureza ele precisa sentir como este tempo pode ser ocupado. Se desejar sem dúvida pode alterar e ocupar a noite assim como faz com o dia. Quando precisa e deseja altera a relação com o tempo que a natureza lhe oferece. Para estudar a noite inventam-se formas de conseguir luz. A noite em sua riqueza maior é feita para a caça, o sono acaba com o amanhecer e a retomada das atividades diárias.

Certa ocasião em um grupo de alfabetização de adultos, no “horário de verão”, um senhor já idoso não conseguia de jeito nenhum chegar no horário, até que percebemos que ele não havia alterado seu relógio para o novo horário.

Uma educadora comenta: “Acho que o seu Chico não entendeu o relógio da gente, nem a gente o dele”.

*** Psicóloga, Mestra em Educação**